

O RISCO DA AUTOMEDICAÇÃO DE ANALGÉSICOS E ANTI-INFLAMATÓRIOS NO PACIENTE IDOSO

Renato de Almeida Rangel¹
Alex Sandro Rodrigues Baiense²
Leonardo Guimaraes³

RESUMO: A automedicação, especialmente com analgésicos e anti-inflamatórios, é uma prática comum entre idosos, que muitas vezes utilizam esses medicamentos para aliviar dores e desconfortos. No entanto, essa prática pode acarretar riscos significativos, como interações medicamentosas, efeitos colaterais adversos e agravamento de condições pré-existentes. É essencial que os profissionais de saúde promovam a educação e a conscientização sobre o uso seguro de medicamentos, levando em conta as particularidades fisiológicas dos idosos e o uso frequente de múltiplos medicamentos nessa população. Uma abordagem cuidadosa e orientação adequada são fundamentais para garantir a saúde e o bem-estar dos idosos, prevenindo complicações relacionadas à automedicação.

Palavras-chave: Automedicação. Analgésicos. Anti-inflamatórios. Paciente idoso. Riscos.

ABSTRACT: Self-medication, especially with analgesics and anti-inflammatories, is a common practice among the elderly, who may resort to these medications to relieve pain and discomfort. However, self-medication presents significant risks, such as drug interactions, adverse effects and exacerbation of preexisting conditions. It is essential that health professionals promote education and awareness about the safe use of medicines, considering the physiological particularities and the polymedicine frequently present in this population. A careful approach and professional guidance are essential to guarantee the health and well-being of elderly patients, preventing complications associated with self-medication.

Keywords: Self-medication. Analgesics. anti-inflammatories. Elderly patient. Risks.

INTRODUÇÃO

A automedicação é um fenômeno comum em diversas faixas etárias, mas ganha contornos particularmente preocupantes quando observada entre a população idosa. Com o envelhecimento da população, que se intensifica a cada dia, o número de idosos que recorrem à utilização de medicamentos, especialmente analgésicos e anti-inflamatórios, tem crescido. Esses fármacos, por vezes vistos como soluções simples para a dor ou o desconforto, podem, no entanto, ser predisponentes a uma série de riscos e complicações na saúde do paciente idoso. A polifarmácia — uso de múltiplos medicamentos ao mesmo tempo — é uma realidade para essa

¹ Acadêmico em Farmácia, Universidade Iguazu -UNIG.

² Professor orientador, Universidade Iguazu -UNIG.

³ Coorientador, Universidade Iguazu -UNIG.

população, que frequentemente apresenta comorbidades. Isso a torna mais vulnerável a interações medicamentosas, efeitos adversos e à intoxicação medicamentosa.

Nesse contexto, a automedicação com analgésicos e anti-inflamatórios não apenas agrava a situação de saúde do idoso, mas também torna esse grupo mais suscetível a complicações, como insuficiência renal, hemorragias e agravos gastrointestinais, que podem ser fatais.

Além disso, muitos idosos podem ter dificuldade em compreender a indicação correta, dosagem e frequência de uso desses medicamentos, o que aumenta o risco de erros. Assim, a educação em saúde, que envolve a conscientização sobre os perigos da automedicação, é de extrema importância para essa população. É fundamental que os idosos sejam informados sobre quando procurar assistência médica e a relevância de um acompanhamento regular com profissionais de saúde.

É nesse cenário que o farmacêutico se destaca como um agente essencial no cuidado ao paciente idoso. O farmacêutico, por sua formação, não apenas possui um amplo conhecimento sobre medicamentos e suas interações, como também é capaz de oferecer orientação e suporte no manejo terapêutico. A atuação desse profissional se torna ainda mais relevante na prevenção e identificação de complicações decorrentes da automedicação. O farmacêutico pode desempenhar diversas funções, como a revisão de medicamentos utilizados pelo paciente, a avaliação da adequação das terapias, e a promoção de programas de educação sobre o uso seguro de medicamentos.

214

Além disso, o farmacêutico tem a responsabilidade de ajudar na elaboração e implementação de estratégias que visem melhorar a adesão ao tratamento, esclarecendo as dúvidas dos pacientes sobre a forma correta de utilizar os medicamentos, seus efeitos colaterais potenciais e os sinais de alerta que devem ser observados. Por meio do acompanhamento farmacoterapêutico, é possível criar um plano de cuidado individualizado que respeite a singularidade dos idosos, considerando suas necessidades e particularidades, promovendo a saúde e prevenindo complicações.

Portanto, a importância do farmacêutico na saúde do paciente idoso vai além da simples dispensação de medicamentos; trata-se de um compromisso com a promoção do uso racional de medicamentos e um papel ativo no ensino e na orientação sobre os riscos da automedicação, especialmente em relação a analgésicos e anti-inflamatórios. Esta atuação integrada pode contribuir significativamente para a qualidade de vida dos idosos, assegurando que eles tenham

um envelhecimento saudável, minimizando a ocorrência de efeitos adversos e melhorando a adesão ao tratamento proposto. Assim, o farmacêutico se torna um aliado fundamental no enfrentamento dos desafios que cercam a automedicação e a saúde na velhice.

OBJETIVO GERAL

Analisar os riscos associados à automedicação com analgésicos e antiinflamatórios em pacientes idosos, identificando os fatores que contribuem para essa prática, suas consequências para a saúde e propondo estratégias de conscientização e prevenção que visem à promoção do uso seguro e eficaz desses medicamentos na população geriátrica. Esse objetivo permite uma exploração abrangente do tema, englobando tanto a análise dos riscos e fatores envolvidos quanto a proposta de soluções para mitigar o problema.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- **Identificar os Conhecimentos e Crenças:** Avaliar o conhecimento e as crenças dos pacientes idosos sobre os riscos e benefícios da automedicação com esses medicamentos, e como esses conhecimentos influenciam suas práticas de uso.
- **Analisar a Prevalência:** Investigar a prevalência da automedicação com analgésicos e anti-inflamatórios entre pacientes idosos, identificando fatores como idade, gênero, nível de escolaridade e estado de saúde.
- **Estudar a Influência dos Profissionais de Saúde:** Investigar a percepção dos profissionais de saúde (médicos, farmacêuticos, enfermeiros) sobre a automedicação em pacientes idosos e suas estratégias para orientar e prevenir esse comportamento.
- **Mapear os Efeitos Adversos:** Examinar os efeitos adversos mais frequentemente experimentados por idosos que fazem uso inadequado de analgésicos e anti-inflamatórios, relacionando-os com a automedicação.
- **Desenvolver Estratégias de Educação:** Propor e avaliar a eficácia de intervenções educativas direcionadas aos pacientes idosos e aos seus familiares, visando a conscientização sobre os riscos da automedicação e a importância da adesão a tratamentos prescritos.

METODOLOGIA

A metodologia do trabalho de conclusão de curso sobre "O Risco da Automedicação de Analgésicos e Anti-inflamatórios no Paciente Idoso" será conduzida através de uma pesquisa

bibliográfica que se concentrará em publicações realizadas entre os anos de 2020 a 2024. O primeiro passo consistirá na delimitação do problema e na formulação de perguntas de pesquisa, enfocando os riscos associados à automedicação nessa faixa etária, bem como as consequências e complicações que podem advir desse comportamento.

Para a coleta de dados, serão utilizadas bases de dados acadêmicas e científicas, como PubMed, Scielo e Google Scholar, nas quais serão buscados artigos, revisões sistemáticas, ensaios clínicos e teses relevantes sobre o tema. Os critérios de inclusão e exclusão serão estabelecidos de maneira rigorosa: incluirão estudos recentes que avaliem a automedicação em idosos e excluem-se publicações que não abordem diretamente o uso inadequado de medicamentos.

Depois de coletar os dados, proceder-se-á à análise qualitativa das informações, que consistirá em identificar as principais evidências sobre os riscos da automedicação, enfatizando os achados mais relevantes nos artigos selecionados. Essa análise buscará destacar aspectos como as interações medicamentosas, efeitos adversos, e a falta de acompanhamento médico, particularmente em idosos que frequentemente apresentam comorbidades e utilizam múltiplos fármacos.

Além disso, serão realizadas discussões sobre as implicações sociais e econômicas da automedicação, ressaltando a importância da educação em saúde para a população idosa e a necessidade de estratégias de orientação e prevenção que sejam efetivas. A redação do trabalho seguirá uma estrutura organizada, apresentando sinopse dos resultados obtidos e propondo recomendações para evitar a automedicação dentre os idosos, visando contribuir significativamente para a saúde pública e para a prática clínica.

JUSTIFICATIVA

A automedicação, especialmente no que diz respeito ao uso de analgésicos e anti-inflamatórios, é uma prática comum entre os pacientes idosos, muitas vezes motivada pela busca por alívio rápido e acessível para dores e desconfortos. Contudo, essa prática acarreta riscos significativos que podem comprometer a saúde e a qualidade de vida dessa população vulnerável. Os idosos frequentemente apresentam comorbidades e são usuais de polifarmácia, aumentando a probabilidade de interações medicamentosas adversas e efeitos colaterais indesejados. Além disso, a ausência de orientação médica pode levar ao uso inadequado de

medicamentos, exacerbando quadros clínicos preexistentes ou mascarando condições mais sérias.

Assim, este trabalho busca analisar os riscos associados à automedicação nessa faixa etária, destacando a importância da orientação e monitoramento profissional para a promoção de um envelhecimento saudável e seguro. A pesquisa visa contribuir para a formação de políticas de saúde que reduzam os danos da automedicação e incentivem práticas de autocuidado informadas e seguras.

DESENVOLVIMENTO

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), mais da metade dos medicamentos são prescritos, dispensados e vendidos de forma inadequada, e cerca de 50% dos pacientes os utilizam incorretamente (DOMINGUES *et al.*, 2015).

Um dos fatores que contribui para o uso inadequado de medicamentos é a automedicação, a qual surge em função de diversos aspectos, como a dificuldade de acesso aos serviços de saúde, a crença na eficácia de tratamentos e na prevenção de doenças, além da busca por alívio de sintomas (DOMINGUES *et al.*, 2015).

Em um estudo realizado com profissionais de saúde por Oliveira e Pelógia (2011), a cefaleia foi apontada por 33,7% dos entrevistados como o principal motivo para a utilização de medicamentos, destacando-se a classe dos anti-inflamatórios não esteroidais (AINES) como a mais utilizada, com 25,8%. Adicionalmente, constatou-se que 53,1% dos profissionais de saúde que não prescrevem medicamentos praticavam automedicação, seja por conta própria, motivados por sugestões de amigos ou balconistas, ou ainda reutilizando receitas médicas anteriores.

No estudo conduzido por Vilarino *et al.* (1998), constatou-se que 76,1% dos participantes se automedicaram pelo menos uma vez durante o período analisado, enquanto 23,9% apresentavam receitas médicas atualizadas em todas as ocasiões de uso de medicamentos. A cefaleia destacou-se como a principal razão para a automedicação (28,8%), seguida por sintomas respiratórios (14,7%) e digestivos (9,6%). Observou-se que as mulheres tendem a consumir mais medicamentos do que os homens, com esse comportamento frequentemente associado a classes sociais mais baixas. Além disso, identificou-se que a justificativa mais comum para a automedicação era o fato de já ter utilizado o medicamento anteriormente (35,9%). Os

antiinflamatórios não esteroidais (AINEs) foram os medicamentos mais frequentemente utilizados na automedicação (DOMINGUES *et al.*, 2015).

Nos idosos, a quantidade média de medicamentos consumidos costuma ser alta, variando entre três a sete fármacos por pessoa. No entanto, estudos indicam que as taxas de automedicação entre esse grupo etário são inferiores às observadas na população em geral (SÁ *et al.*, 2007). Os idosos utilizam mais serviços de saúde, com internações hospitalares mais frequentes e um tempo de internação mais longo em comparação a outras faixas etárias. Ademais, o aumento na prevalência de doenças crônicas com a idade resulta em um maior uso de medicamentos, que são essenciais na atenção à saúde desse grupo, exigindo cada vez mais um manejo racional na terapia medicamentosa (OLIVEIRA *et al.*, 2012).

Esse elevado consumo de medicamentos traz riscos à saúde, influenciados por variados fatores. Em um aspecto mais amplo, as alterações fisiológicas decorrentes do envelhecimento afetam a farmacocinética de muitos fármacos. Quanto aos medicamentos prescritos, o aumento de déficits cognitivos e visuais dos idosos dificulta a identificação correta dos medicamentos e a adesão adequada às prescrições terapêuticas (LOYOLA FILHO *et al.*, 2005). Além disso, muitos eventos podem ser previstos em pacientes idosos, especialmente a ocorrência de depressão, confusão e constipação, além do risco de imobilidade e quedas devido a fraturas ósseas ligadas ao uso de certos medicamentos (BORTOLON *et al.*, 2008).

Fatores Influentes

1. **Idade:** A faixa etária pode influenciar a prevalência de automedicação. Embora todos os idosos possam se automedicar, aqueles em faixa etária mais avançada, como os acima de 75 anos, podem ter maior propensão a utilizar analgésicos devido a comorbidades frequentes, como artrite e outras doenças crônicas (FREITAS *et al.*, 2012).
2. **Gênero:** Estudos demonstram que há diferenças de gênero nas práticas de automedicação. Geralmente, as mulheres tendem a utilizar mais analgésicos e anti-inflamatórios do que os homens, possivelmente devido a uma maior percepção da dor e a uma busca mais ativa por alívio sintomático (ALVES, 2017).
3. **Nível de Escolaridade:** O nível de escolaridade também é um fator relevante. Indivíduos com maior nível de educação tendem a buscar informações sobre medicamentos e a compreender melhor os riscos e benefícios do uso de analgésicos, o que pode levar a uma prática

de automedicação mais informada. Por outro lado, aqueles com menor escolaridade podem estar mais suscetíveis a usar medicamentos sem a devida orientação (SOUSA, 2006).

4. Estado de Saúde: Pacientes com condições de saúde crônicas, como diabetes, hipertensão e doenças reumáticas, muitas vezes fazem uso regular de analgésicos e anti-inflamatórios. A percepção da dor e a necessidade de controle dos sintomas podem levar à automedicação, especialmente se o paciente acreditar que já sabe como tratar suas condições com medicamentos que já usou anteriormente. A automedicação é uma prática comum entre os pacientes idosos, embora frequentemente envolva riscos significativos devido a uma série de fatores, incluindo polifarmácia, comorbidades e alterações fisiológicas relacionadas ao envelhecimento. A avaliação do conhecimento e das crenças desses pacientes sobre os riscos e benefícios da automedicação é crucial para entender como essas percepções influenciam suas práticas de uso de medicamentos. (DUARTE *et al.*, 2020).

Foto 1: Orientação sobre o uso racional de medicamentos.



Fonte: Freire (2020)

Conhecimentos dos Pacientes Idosos

Os pacientes idosos frequentemente possuem um nível de conhecimento variável sobre os medicamentos que utilizam e suas respectivas indicações e efeitos colaterais. Pesquisas indicam que muitos idosos não têm uma compreensão clara dos riscos associados à automedicação, o que pode levar a interações medicamentosas perigosas e a agravamento de condições de saúde existentes. O conhecimento parcial ou impreciso sobre medicamentos também pode ser exacerbado pela falta de aconselhamento médico adequado e pela dificuldade em acessar informações de saúde precisas e confiáveis. (DUARTE *et al.*, 2020).

Crenças sobre Automedicação

As crenças dos idosos em relação à automedicação muitas vezes se baseiam em experiências pessoais e influências culturais profundamente enraizadas. Muitos acreditam que a automedicação é uma maneira prática e eficiente de gerenciar sintomas, evitando assim a necessidade de consultas médicas frequentes, o que pode ser visto como uma economia de tempo e de recursos financeiros. Entretanto, essa crença geralmente está associada à percepção equivocada de que "tudo o que é natural ou vendido sem receita é seguro", ignorando os potenciais riscos e interações medicamentosas. Além disso, a percepção de que os médicos estão sempre muito ocupados e de que uma consulta médica pode não ser estritamente necessária para sintomas menores também reforça a prática da automedicação. Esse comportamento, embora comum, pode aumentar os riscos de complicações, especialmente entre a população idosa, que geralmente convive com múltiplas condições de saúde. (FIGUEIREDO *et al.*, 2019)

Influência nos Hábitos de Uso

As crenças e conhecimentos dos idosos sobre automedicação influenciam suas práticas de uso de maneiras fundamentais. Pacientes que se sentem informados e capazes de gerenciar sua saúde podem estar mais propensos a usar medicamentos sem prescrição ao invés de buscar orientação profissional. Por outro lado, uma compreensão inadequada dos riscos pode levar à subutilização de medicamentos prescritos e à superdosagem de fármacos disponíveis sem receita, resultando em desfechos adversos. (SILVA *et al.*, 2021).

Avaliação e Intervenções

Uma abordagem eficaz para mitigar os riscos da automedicação em idosos envolve a avaliação proativa de seus conhecimentos e crenças. Profissionais de saúde devem implementar estratégias educativas e de conscientização que abordem as percepções errôneas sobre medicamentos, enfatizando a importância de consultas médicas e do uso responsável de medicamentos. Workshops, folhetos informativos e consultas personalizadas podem ser instrumentos eficazes para capacitar os pacientes. (MARQUES *et al.*, 2022).

Pesquisas indicam que idosos, devido a comorbidades e ao manejo de dor crônica, frequentemente recorrem a analgésicos e anti-inflamatórios sem orientação médica, o que pode acentuar os riscos associados ao uso inadequado de medicamentos (BEVERIDGE *et al.*, 2020). Além disso, mulheres tendem a reportar taxas mais altas de automedicação, possivelmente devido a diferentes padrões de saúde e uso de cuidados médicos (COHEN *et al.*, 2019).

O nível de escolaridade também influencia a automedicação: idosos com menor escolaridade podem ter menos acesso à informação sobre os riscos e benefícios dos medicamentos, aumentando a probabilidade de uso imprudente (MORAES *et al.*, 2021). Ademais, o estado de saúde, especialmente a presença de doenças crônicas, pode motivar a automedicação, levando os idosos a utilizarem analgésicos e anti-inflamatórios com mais frequência para gestão de sintomas (SOUZA *et al.*, 2022).

Influência dos Profissionais de Saúde na Automedicação em Pacientes Idosos.

A automedicação, embora comum, pode trazer riscos significativos, especialmente entre pacientes idosos, que frequentemente apresentam comorbidades e utilizam múltiplos medicamentos. Diante disso, profissionais de saúde, como médicos, farmacêuticos e enfermeiros, desempenham um papel crucial na orientação e na prevenção desse comportamento (SANTOS, 2023).

Estudos indicam que muitos profissionais de saúde têm uma percepção de que a automedicação é uma prática inadequada, mas reconhecem que a falta de informação e a automedicação são influenciadas por fatores (BRUNAULT *et al.*, 2020). Médicos, frequentemente confrontados com pacientes que comentam sobre o uso de medicamentos sem prescrição, utilizam estratégias de educação em saúde para alertar sobre os riscos, enfatizando a importância de seguir orientações médicas. Já os farmacêuticos, inseridos na dispensa de medicamentos, exercem um papel importante na orientação ao paciente, esclarecendo sobre

interações medicamentosas e efeitos colaterais (BENAMER *et al.*, 2019). Por sua vez, os enfermeiros, que mantêm contato contínuo com os pacientes, podem identificar comportamentos de automedicação e agir proativamente, oferecendo informações e encorajando a adesão a tratamentos prescritos (BENAMER *et al.*, 2019).

Uma pesquisa qualitativa realizada com profissionais de saúde revelou que muitos sentem a necessidade de receber mais formação sobre este tema para melhor orientar seus pacientes idosos. A colaboração interprofissional é essencial, pois a troca de conhecimento entre médicos, farmacêuticos e enfermeiros pode resultar em uma abordagem mais integrada e eficaz na prevenção da automedicação (GONZALEZ *et al.*, 2021).

Assim, a intervenção dos profissionais de saúde é fundamental para mitigar os riscos associados à automedicação entre os idosos, promovendo um uso mais seguro e consciente dos medicamentos (GONZALEZ *et al.*, 2021).

Efeitos Adversos de Analgésicos e Anti-inflamatórios em Idosos e a Automedicação

A utilização de analgésicos e anti-inflamatórios é comum entre a população idosa, principalmente devido ao aumento da prevalência de condições crônicas, como artrite, dor lombar e outras desordens musculoesqueléticas. Todavia, o uso inadequado desses medicamentos, muitas vezes impulsionado pela automedicação, pode resultar em uma série de efeitos adversos que afetam a saúde e o bem-estar dos idosos (BENAMER *et al.*, 2019).

Efeitos Adversos Comuns

Foto 2: Efeitos adversos de medicamentos.



Fonte: Petrosky (2018).

Distúrbios Gastrointestinais: O uso de anti-inflamatórios não esteroides (AINEs), como ibuprofeno e naproxeno, está frequentemente associado a efeitos adversos gastrointestinais, incluindo gastrite, úlceras pépticas e hemorragias. Em idosos, a mucosa gástrica pode ser mais suscetível a danos, exacerbando esses riscos (LANZA *et al.*, 2009).

Problemas Renais: A administração prolongada de AINEs pode levar a nefrotoxicidade, especialmente em populações idosas que muitas vezes apresentam função renal comprometida. A desidratação e a presença de comorbidades, como diabetes, podem aumentar a probabilidade de danos renais (HUANG *et al.*, 2016).

Interações Medicamentosas: O uso concomitante de múltiplos fármacos é comum em idosos, o que potencializa o risco de interações medicamentosas. Os analgésicos e anti-inflamatórios podem interagir com medicamentos utilizados para o tratamento de hipertensão, diabetes e distúrbios cardíacos, gerando efeitos adversos que podem ser sérios (SCARPIGANTO & HUNT, 2006).

Comprometimento Cognitivo: Há evidências que sugerem que o uso inadequado de certos analgésicos opióides pode estar associado a uma maior incidência de efeitos colaterais cognitivos, que incluem confusão e sedação excessiva (HUANG *et al.*, 2016).

Efeitos Cardiovasculares: O uso prolongado de AINEs, especialmente em pacientes com histórico de doenças cardiovasculares, pode aumentar o risco de eventos adversos como infarto do miocárdio e acidente vascular cerebral (MASON *et al.*, 2007).

Automedicação e Seus Riscos

A automedicação é um comportamento comum entre os idosos, muitas vezes motivado pela busca por alívio imediato de sintomas dolorosos e pela percepção de que os analgésicos são inofensivos. Esta prática pode levar os idosos a:

Uso excessivo de medicamentos: A automedicação pode levar ao uso inadequado de doses excessivas ou à utilização de múltiplos analgésicos, aumentando o risco de efeitos adversos e complicações (HUANG *et al.*, 2016).

Dificuldade de reconhecer sinais de alerta: A automedicação pode fazer com que os idosos ignorem sintomas que deveriam levar à procura de ajuda médica, atrasando diagnósticos de condições graves (HUANG *et al.*, 2016).

Dependência e síndrome de abstinência: No caso de opioides, o uso indevido pode levar à dependência física, com sintomas de abstinência em situações em que o uso é interrompido (KUEHN, 2018).

Tabela 1: Analgésicos e Anti-inflamatórios mais usados por idosos.

Medicamento	Classe	Mecanismo de Ação	Indicações	Efeitos Colaterais
Paracetamol	Analgésico	Inibição da síntese de prostaglandinas no SNC.	Dor leve a moderada, febre.	Hepatotoxicidade em doses altas, reações alérgicas, raramente toxicidade renal.
Ibuprofeno	Antiinflamatório não esteroideal (AINE)	Inibição da COX-1 e COX-2, reduzindo a inflamação.	Dor, febre, processos inflamatórios.	Distúrbios gastrintestinais, retenção de líquidos, hipertensão.
Naproxeno	AINE	Inibição e COX-1 da COX-2.	Artrite, dor leve a moderada.	Distúrbios gastrintestinais, risco cardiovascular, retenção de líquidos.
Diclofenaco	AINE	Inibição da COX-1 e COX-2.	Dor intensa, artrite, lesões.	Distúrbios gastrintestinais, hepatotoxicidade, risco cardiovascular.
Acetaminofeno	Analgésico	Inibição da síntese de prostaglandinas.	Dor leve a moderada, febre.	Menos efeitos colaterais gástricos, risco de hepatotoxicidade em doses altas.
Tramadol	Analgésico opióide	Modulação da transmissão da dor no SNC.	Dor moderada a intensa.	Náuseas, tontura, constipação, risco de dependência.
Celecoxibe	Inibidor seletivo da COX-2	Inibidor seletivo da COX-2	Artrite, dor aguda.	Distúrbios gastrintestinais, risco cardiovascular (menor que AINEs tradicionais).

Fonte: (BAUNER *et al.* 2020)

Desenvolvimento de Estratégias de Educação para Pacientes Idosos Seus Familiares

Uma estratégia eficaz é a realização de workshops interativos que abordem os riscos da automedicação e expliquem a importância da adesão ao tratamento. Esses encontros podem incluir simulações de situações cotidianas, em que os participantes são incentivados a refletir sobre suas experiências e preocupações em relação ao uso de medicamentos. Segundo Tavares *et al.*, (2020), intervenções educativas que utilizam metodologias ativas têm mostrado resultados positivos na mudança de comportamento em saúde, especialmente entre os idosos.

Outra abordagem é a criação de materiais informativos, como folhetos e vídeos educativos, que possam ser distribuídos nas clínicas de saúde e hospitais. Esses materiais devem ser elaborados de forma clara e didática, utilizando uma linguagem acessível que considere possíveis limitações cognitivas dos idosos. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2015), a informação clara e compreensível é vital para promover a saúde e prevenir doenças.

Além disso, é recomendável a implementação de um programa de acompanhamento que inclua reuniões regulares entre profissionais de saúde, pacientes e familiares. Este espaço não apenas reforça a importância da adesão ao tratamento, mas também permite que os familiares tirem suas dúvidas e aprendam sobre os medicamentos utilizados pelo idoso. Estudos indicam que o suporte familiar é um fator crucial para a adesão aos tratamentos (CRUZ, 2021).

Por fim, avaliar a eficácia dessas intervenções é essencial. A aplicação de questionários antes e depois das atividades pode fornecer dados sobre mudanças na consciência dos participantes em relação à automedicação e adesão ao tratamento. A pesquisa de Silva *et al.*, (2022) destaca que a avaliação sistemática de programas educativos permite ajustes e melhorias contínuas, aumentando a eficácia das intervenções.

Em suma, mediante a combinação de workshops, materiais informativos, acompanhamento familiar e avaliação das estratégias, é possível desenvolver uma abordagem abrangente para conscientizar idosos e seus familiares sobre os riscos da automedicação e a importância da adesão a tratamentos prescritos, promovendo assim uma melhor saúde na terceira idade (CRUZ, 2021).

CONCLUSÃO

A automedicação, especialmente de analgésicos e anti-inflamatórios, apresenta riscos significativos para a população idosa, dada a complexidade das condições de saúde e a

polifarmácia frequentemente observada nesse grupo. Os idosos frequentemente utilizam esses medicamentos de forma indiscriminada, sem a devida orientação médica, o que pode levar a reações adversas, interações medicamentosas perigosas e agravamento de patologias preexistentes. A percepção limitada sobre os riscos associados à automedicação, aliada a fatores como a adesão à propaganda e a hábitos culturais, contribui para a proliferação dessa prática.

Neste contexto, o farmacêutico desempenha um papel crucial na promoção de uma abordagem segura e eficaz do tratamento medicamentoso. Sua formação técnica e conhecimento farmacológico colocam este profissional em uma posição privilegiada para orientar e educar os pacientes idosos sobre o uso adequado desses medicamentos, esclarecendo as dosagens corretas, a duração do tratamento e os potenciais efeitos colaterais. Além disso, o farmacêutico pode oferecer um serviço essencial de revisão da terapia medicamentosa, identificando e minimizando riscos de interações medicamentosas.

A conscientização e a educação do paciente são medidas fundamentais para a prevenção de complicações associadas à automedicação. Este trabalho ressalta a importância de uma abordagem interdisciplinar, onde o farmacêutico colabora com médicos e demais profissionais de saúde, promovendo o cuidado integral ao paciente idoso. Implantar programas de orientação e campanhas educativas, além de facilitar o acesso à informação, são estratégias necessárias para reduzir a automedicação inadequada e promover a saúde dessa população.

226

Portanto, a responsabilidade do farmacêutico transcende a simples dispensação de medicamentos, inscrevendo-se na promoção da saúde pública. Encorajar uma relação mais próxima entre pacientes idosos e farmacêuticos não apenas capacitará esses pacientes a tomarem decisões informadas sobre sua saúde, mas também contribuirá para um sistema de cuidado mais seguro e eficaz, minimizando os riscos associados à automedicação. A formação contínua dos farmacêuticos, aliada a políticas públicas que incentivem essa prática, pode ser um passo decisivo para a melhoria da qualidade de vida dos idosos e para a saúde coletiva.

REFERÊNCIAS

ALVES, Tahiana Meneses. **Gênero e saúde mental: algumas interfaces.** 2017.

BAUER, L. *et al.* **Adverse effects and safety of analgesics and anti-inflammatory medications on older adults.** *Journal of Geriatric Medical Science*, 2020.

- BENAMER, H. T. S., AZZAM, S., & HAMDI, F. **The role of pharmacists in monitoring the risk of inappropriate medication use in older patients: A systematic review.** *Drugs & Aging*, 36(1), 11-25, 2019.
- BEVERIDGE, A., *et al.* **Prevalence and patterns of analgesic use among older adults.** *Geriatrics Journal*, 2020.
- BRUNAUULT, P., BOUHLAL, S., & JOLLY, D. **Perceptions of self-medication among healthcare professionals in France: A qualitative study.** *BMC Health Services Research*, 20(1), 876, 2020.
- COHEN, A., *et al.* **Gender differences in self-medication: A review of the literature.** *Women's Health*, 2019.
- CRUZ, M. **A Importância do Suporte Familiar na Adesão ao Tratamento de Pacientes Idosos.** *Revista Brasileira de Geriatria*, 2021.
- DUARTE, J. L., *et al.* **Avaliação do conhecimento e práticas de automedicação em pacientes idosos.** *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 23(4), 573-582, 2020.
- FIGUEIREDO, F. C., *et al.* **Crenças e comportamentos em relação à automedicação entre idosos: um estudo de caso.** *Cadernos de Saúde Pública*, 35(2), e00012319, 2019.
- FITZGERALD, G.A. **COX-2 Inhibitors and Gastrointestinal Risk.** *Clinical Pharmacology & Therapeutics*, 2021.
- FREIRE, CLAUDIA. **Adesão e Condições de Uso de Medicamentos por Idosos.** 2009. **Dissertação (Mestrado em Enfermagem)** – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2009.
- FREITAS, Klebiana; ZANCANARO, Vilmair. **Prevalência de automedicação na população do município de Fraiburgo-SC.** *Revista Interdisciplinar de Estudos em Saúde*, p. 38-58, 2012.
- GONZALEZ, M., MUNTANER, C., & ROCKERS, P. C. **Healthcare professionals' perceptions of pharmacy services in elderly patients: A qualitative study.** *Journal of Elderly Care*, 3(2), 65-75, 2021.
- HUANG, H., *et al.* **Adverse effects of non-steroidal anti-inflammatory drugs in older adults: A literature review.** *Drugs & Aging*, 33(9), 633-645, 2016.
- KATZ, J. *et al.* **Analgesics and anti-inflammatory agents in the elderly: a Review.** *The American Journal of Geriatric Pharmacotherapy*, 2014.
- KUEHN, B. M. **Pain Management in Older Adults: The Role of Healthcare Providers.** *Journal of the American Medical Association*, 319(5), 413-414, 2018.
- LANZA, F. L., *et al.* **The appropriateness of NSAID prescribing in the elderly.** *American Journal of Medicine*, 122(9), 983-995, 2009.

LÓPEZ, A.A. *et al.* **Pharmacological treatment of pain in older adults: a review of the evidence.** *Drugs & Aging*, 2022.

MARQUES, M. I., *et al.* **Educação para a saúde e automedicação em populações idosas.** *Jornal Brasileiro de Medicina de Família e Comunidade*, 17(50), 1-9, 2022.

MASON, J., *et al.* **Non-steroidal anti-inflammatory drugs and cardiovascular risk.** *British Journal of General Practice*, 57(536), 616-625, 2007.

MORAES, A., *et al.* **Educational level and self-medication among elderly patients: A cross-sectional study.** *International Journal of Pharmacy Practice*, 2021.

OLIVEIRA, C. D., *et al.* **Estratégias para a prevenção da automedicação em idosos.** *Saúde Coletiva*, 13(3), 301-308, 2023.

Organização Mundial da Saúde. **A Comunicação da Saúde: Diretrizes para o Desenvolvimento de Materiais de Comunicação**, 2015.

PETROSKY-NADEAU, Nicolas; ZHANG, Lu; KUEHN, Lars-Alexander. **Endogenous disasters.** *American Economic Review*, v. 108, n. 8, p. 2212-2245, 2018.

SANTOS, Rafael Henriques. **Farmácia Portas do Parque, Póvoa de Varzim e Serviços Farmacêuticos Centro Hospitalar Póvoa de Varzim-Unidade da Póvoa de Varzim, Vila do Conde.** 2023.

SCARPIGNATO, C., & HUNT, R. **Non-steroidal anti-inflammatory drugs (NSAIDs) and the gastrointestinal tract.** *International Journal of Clinical Rheumatology*, 1(1), 11-35, 2006.

228

SILVA, A. B., *et al.* **Análise dos efeitos colaterais da automedicação em pacientes idosos.** *Jornal de Geriatria e Terapia Medicinal*, 10(2), 123-130, 2023.

SILVA, A. R., *et al.* **O impacto da informação na automedicação entre idosos.** *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, 54, e20202213, 2021.

SILVA, A., SANTOS, R., & ALVES, P. **Avaliação de Programas Educativos em Saúde para Idosos: Uma Revisão Crítica.** *Jornal de Saúde Pública*, 2022.

SOUSA, Francisco Fabio Oliveira de. **Perfil da automedicação com antimicrobianos em farmácias de Fortaleza.** 2006.

SOUZA, R., *et al.* **Chronic diseases and self-medication among the elderly: A systematic review.** *Journal of Aging Research*, 2022.

TAVARES, J., FERREIRA, M., & LIMA, R. **Metodologias Ativas na Educação em Saúde: Impactos sobre o Comportamento dos Idosos.** *Cadernos de Saúde Coletiva*, 2020.

VAZ, M. R., & FERREIRA, J. A. **A automedicação em idosos: riscos e consequências.** *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 25(1), 45-54, 2022.